



S. Sebastião

Devoção Régia e Popular

Poema a S. Sebastião

O teu corpo arrojado em lugar agreste
Foi mártir de dor e sofrimento cristão.
Salvaste o nosso povo da fome e da peste,
Oh benevolente e humilde São Sebastião!

Como graça das tuas bênçãos e milagres,
Igrejas e capelas se mancarão edificar.
Barcelos celebra-te em cânticos alegres
Na sua devoção régia e também popular.

Lurdes Breda

O Município de Barcelos tem a honra de apresentar uma exposição evocativa de S. Sebastião, figura de referência do cristianismo, cujo martírio muito inspirou a ourivesaria e as iconografias religiosas e populares.

Intitulada S. Sebastião, Devoção Régia e Popular, a exposição remete-nos para essa inspiração secular que teve na figura do rei D. Sebastião – também ele considerado mártir e fonte de um dos grandes mitos da nossa História – uma expressão bem portuguesa, que a tradição acabaria por consagrar.

Por isso, a figura do Santo continua a ser objeto de múltiplas abordagens, como as que estão patentes nesta exposição – seja nas peças em barro feitas por artesãos barcelenses, seja nos quadros e esculturas ou nas imagens de arte sacra.

À diversidade das interpretações juntou-se a diversidade artística, quer de materiais quer de formas, transformando esta exposição num acontecimento cultural de referência que muito dignifica Barcelos e o seu concelho.

Agradeço aos autores das peças e aos proprietários das obras aqui patentes a sua contribuição, sem a qual esta exposição não seria possível, bem como a todos quantos se envolveram na realização deste trabalho.

Estas parcerias e o empenho de todos, que proporcionam aos barcelenses iniciativas de qualidade, são a condição de sucesso do nosso projeto de cidadania.

Miguel Costa Gomes
Presidente da Câmara Municipal de Barcelos

S. Sebastião, Devoção Régia e Popular, em Barcelos

S. Sebastião: Defensor da Igreja Romana

O Mártir S. Sebastião nasceu em Narbonne, na Gália (França), pelos anos de 250 d.C., e morreu em Roma a 20 de Janeiro de 286 d.C. . O nome Sebastião deriva do grego sebastós, e que significa divino, venerável. Recebeu o cognome de «Defensor da Igreja» pelos feitos e milagres que realizou em defesa da Fé.Tinha um carácter humilde, afável, generoso e jovial, o que suscitava enormes simpatias.

Sensibilizado pelos valores e narrativas dos ensinamentos de Jesus, converte-se ao Cristianismo, secretamente, dado que a Igreja de Cristo era altamente perseguida na época. O jovem Sebastião alista-se no exército romano para poder ajudar os cristãos perseguidos. Pelo seu talento e valentia, caiu nas boas graças do Imperador, sendo muito apreciado pelos Imperadores Diocleciano e Maximiano, que o mantiveram como Capitão da sua Guarda Pretoriana, alto cargo de confiança imperial. Na época, (fim do século III d.C.) o exército romano era governado no Oriente, pelo Imperador Deocliciano e no Ocidente, por Maximiliano.

Assim, e através da sua posição militar, S. Sebastião protegia os cristãos perseguidos e presos, até que os irmãos gémeos cristãos Marcelino e Marco foram condenados à morte. S. Sebastião não se pôde conter e revelou publicamente a sua Fé, pregando e convertendo famílias inteiras ao Cristianismo, pelo que Diocleciano, depois de o torturar tentando desta forma arrancar a confissão da negação da sua Fé, ordenou que os frecheiros o amarrassem a uma

árvore e o crivassem de frechas. Assim, crivado de setas e dado como morto, foi levado a enterrar por Santa Irene, viúva de Castulus, com a ajuda das suas aias. Esta, apercebendo-se que ele ainda estava vivo, recuperou-o, cuidando-lhe dos múltiplos ferimentos. S. Sebastião, após estar perfeitamente curado, voltou a apresentar-se ao Imperador. O Imperador ficando estupefacto de o ver vivo, é novamente alvo de uma tentativa de conversão ao Cristianismo, por parte do jovem Sebastião. Este, irritadíssimo e muito exaltado, manda-o martirizar de novo e posteriormente executado, sendo morto à paulada e mandado atirar para a “Cloaca Máxima”, nome dos esgotos de Roma. É retirado por Lucília (ou Luciana) e finalmente sepultado nas catacumbas onde repousavam as relíquias dos Apóstolos. Decorria o ano de 288 a.C.

Rei D. Sebastião

Nascido a 20 de Janeiro de 1554 (no dia da celebração litúrgica anual de S. Sebastião, e data da sua morte), D. Sebastião recebe o nome do Santo por esta mesma razão. Era filho do Príncipe D. João e de Dona Joana de Áustria. Seus avós paternos eram o Rei de Portugal D. João III e a Rainha Dona Catarina e, pelo lado da sua mãe, eram o Imperador Carlos V e a Imperatriz Dona Isabel.

O Infante D. João morre no dia 2 de Janeiro de 1554, oito dias antes do nascimento do seu filho, deixando todo o reino com receio e muito apreensivo, dado que D. Sebastião ainda estava no ventre da sua mãe, D. Joana. D. João era o único filho sobrevivente

dos nove que D. João III havia tido, e a sucessão do Reino passou a depender do sucesso deste nascimento. Desta forma, criaram-se brutais expectativas no nascimento do neófito, impondo-lhe um árduo fardo e dura tarefa no seu destino. Assim, o primeiro cognome de D. Sebastião passa a ser o Desejado.

Foi de tal forma expectado o seu nascimento que o próprio Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcelos e Menezes, ordenou que mal tivesse início o parto, o avisassem, para que fosse prontamente realizada uma procissão e se orasse pelo sucesso do nascimento de tão desejado Rei. A Princesa começou a sentir as dores, na noite de 19 para o dia 20 de Janeiro. Nessa madrugada e tendo chegado o esperado aviso, o povo correu à Igreja de São Domingos, enchendo-a de tal forma que parte da multidão ficou de fora, sendo necessário socorrerem-se de vários padres, uns a pregar do lado de dentro e outros a pregar do lado de fora da Igreja.

Oito dias antes de nascer, D. Sebastião perde o seu pai, tendo a sua mãe posteriormente ao nascimento, regressado ao país de origem (Espanha). Deste modo vê a sua tutela entregue à sua avó materna e posteriormente ao seu tio-avô, o Infante Cardeal D. Henrique.

Assim, sobre o jugo destas elevadas expectativas e na ausência de família, o jovem Rei cresceu e foi educado por Jesuítas, tornando-se num adolescente de grande fervor religioso e dentro dos mais altos valores e espírito da Cavalaria. Foi educado dentro dos valores Cristãos e sempre com o sentido da propagação da Fé Católica.

Desta forma, e sob o auspício da sua data de nascimento, 20 de Janeiro, dia do São Sebastião e a par da influência religiosa através da qual o jovem Rei foi desenvolvendo a sua individualidade. Dentro da mentalidade da época, D. Sebastião forma o seu carácter e molda a sua personalidade.

Nesse tempo, havia um desejo profundamente enraizado e herdado dos tempos da Fundação do Reino, que era o da difusão da Fé Cristã, e do aumento de terras conquistadas aos mouros, sendo estes dois objectivos unos e sentidos como um só.

Com a tenra idade de 14 anos, D. Sebastião assume a governação. Fruto da sua idade e da sua educação, sonhava com batalhas, conquistas e a expansão da Fé Católica, profundamente convicto de que seria o Capitão de Cristo numa nova cruzada contra os infiéis do Norte de África.

O tenro monarca, fazendo pilar da sua intensa educação religiosa, e assumindo a sua semelhança directa, através da Chefia Militar e da sua Missão Evangelizadora, cria uma estreita ligação e paralelismo, tal qual cordão umbilical com o São Sebastião (e a sua vida), fundindo e confundindo de certa forma a personalidade deste com a sua. As semelhanças concorrem e ajudam nisso: os dois muito novos, e fervorosos Cristãos, ambos Militares e com desejo de propagação da Fé.

Assumindo esta comunhão com a missão do seu Santo onomástico, El-Rei D. Sebastião tem uma preocupação enorme e constante na representação das setas/frechas que martirizaram S. Sebastião, usando-as, recorrentemente em tudo o

que fosse simbolicamente representativo do Poder Régio e da sua própria pessoa como Rei.

Nesta altura, também se tinha investido muito na defesa militar dos territórios. Na rota para o Brasil e a Índia, os ataques dos piratas eram constantes e os muçulmanos ameaçavam as possessões em Marrocos, atacando, por exemplo, Mazagão em 1562. Procurou-se assim proteger a marinha mercante e construir ou restaurar fortalezas ao longo do litoral, pois toda a linha costeira também era assolada por este flagelo dos corsários.

Desta feita, e já com os olhos postos em África, e na divulgação da Fé Cristã, El-Rei decide criar a Ordem Militar de São Sebastião, Dita da Frecha, corria o ano de 1576. Esta Ordem visava exclusivamente premiar os Cavaleiros que se assinalassem por feitos notáveis na guerra.

Como referem, o Doutor Alexandre Ferreira, na sua obra História das Ordens Militares que houve no Reyno de Portugal, e Manuel de Faria e Sousa, na sua Europa Portuguesa, a Ordem da Frecha ou Ordem Militar da Setta de S. Sebastião foi instituída por El-Rei Dom Sebastião, pelo muito que era devoto do Santo patrono do seu nome, assumindo o carácter de uma Ordem Militar ou de Cavalaria, com o fim de defender a Fé e dilatar a Cristandade.

Assim atesta também um magnífico exemplar epigráfico situado num dos edifícios da antiga alfândega de Setúbal, onde juntamente com as insígnias das três ordens militares aparece a insígnia das três frechas alusiva a esta Ordem, e com lugar de destaque, ao centro.

O entusiasmo de D. Sebastião é tal nesta empresa que, o próprio Santo Padre, Gregório XIII, lhe envia uma das setas do martírio de S. Sebastião, ainda embebida no próprio sangue e acompanhada de um Breve, datado de 8 de Novembro de 1573. Esta veneranda relíquia chegou a Portugal, no dia 9 de Fevereiro de 1574, trazida pela mão do enviado papal Pompeo Lanoja, Cubiculário de Sua Santidade, sendo recebido pelo Rei quando pousava nos seus Paços de Almeirim.

Sob a protecção de S. Sebastião, El-Rei toma diversas iniciativas privilegiando o culto ao Mártir, para que assim, obtenha protecção para o seu Povo, nos três grandes males que afectam a Humanidade: a Fome, a Guerra e as Pestes. Esta acção manifesta-se com particular incidência, sobre a construção de Igrejas, Capelas ou Ermidas, à porta das localidades, para que nenhum destes grandes infortúnios afectasse as populações.

D. Sebastião também toma algumas iniciativas verdadeiramente inovadoras, como a protecção do porto de pesca de Matosinhos, quando após chegar uma embarcação portadora de peste, ele manda os seus médicos, militares e apoio logístico para debelarem e controlarem a possibilidade de contágio. Tudo isto, com muito aparato e recursos, o que contribuiu para o sucesso desta missão. Ainda hoje, o Santo Patrono dos Pescadores de Matosinhos é S. Sebastião.

Assim, através de várias medidas, como por exemplo mandar construir templos vários a S. Sebastião, com particular incidência à entrada das localidades e na linha costeira, El-Rei cria uma “barreira” contra os

grandes males: quer seja a peste, a fome ou a guerra, numa tentativa, e através da devoção ao seu Santo, de que este proteja o seu Povo e os livre de todo o mal.

Desta forma, o monarca consegue difundir e incentivar o culto Sebástico pela Nação inteira, tornando a população fervorosa crente e devota.

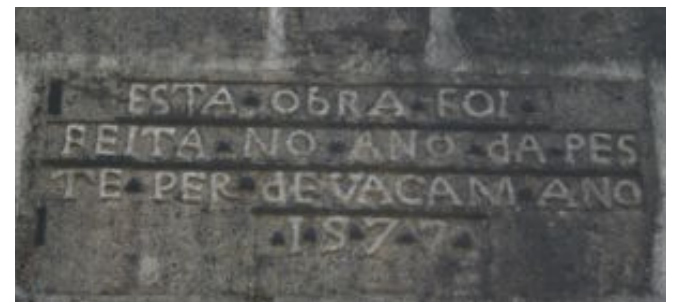
As próprias localidades e seus habitantes, nos casos de aperto, causados por qualquer destas maleitas, assumem as mais diversas formas de manifestação e agrado. Por exemplo, nas localidades em que foram assoladas pela peste, em muitas delas, a população construiu Templos votivos a São Sebastião, nas suas periferias, quer por protecção quer em agradecimento pelo facto da doença ter sido debelada.

Culto de S. Sebastião em Barcelos

Em Barcelos, no registo nas Memórias Paroquiais, no ano de 1758, constata-se que o culto Sebástico ou Sebastião é sem sombra de dúvidas, o mais expressivo, destacando-se de todos os outros. Isto comprova que nos séc. XVI e séc. XVII, o culto Sebastião cresceu de forma exponencial neste concelho. Ainda hoje, apesar de ter sido substituído pelo Culto Mariano, encontram-se inúmeras imagens de S. Sebastião espalhadas pelas Igrejas Paroquiais, e nalguns casos, encontramos até mais do que uma por freguesia!

Derivado do aumento dos contactos com outras populações, por causa das migrações, dos descobrimentos e consequente aumento da actividade ma-

rítima (contacto com novas terras e continentes), entre outros factores, o séc. XVI e até início do séc. XVII, e com particular incidência sobre o Norte de Portugal, as populações foram massacradas por enormes flagelos causando-lhes importantes baixas. Barcelos, é um caso notável disto. A Capela de S. Sebastião em Quintiães é um belíssimo exemplo, único mesmo, onde ainda hoje, por cima da porta da Capela, existe a seguinte lápide com o texto:



“ESTA OBRA FOI FEITA NO ANO DA PESTE PER DEVACAM ANO 1577” (Esta obra foi feita no ano da peste por devoção – ano 1577)

Os anos de 1505, 1510, 1521, 1525, 1527, 1567, 1577, 1598-1603 foram particularmente assoladores e humanamente redutores, potenciando e incentivando o interesse pelo Santo protector contra estas pragas. Sendo que esta última teve uma duração extremamente prolongada, cerca de 5 anos, ficando conhecida por “Peste de Flandres”. Esta doença altamente contagiosa terá entrado em Portugal vinha de Espanha, tendo chegado à região de Barcelos,

onde ceifou inúmeras vidas.

As Famílias viam os seus entes queridos a desaparecerem, vítimas da doença e da fome, de forma implacável e brutal. Assim, voltaram-se nestas difíceis e tristes horas de aperto para S. Sebastião, procurando conforto, resolução e prevenção contra as suas preocupações. Ainda hoje, é assim . . .

É com este cenário que floresce a devoção popular ao Santo Sebastião. Como provas e vestígios disto, além da Capela de S. Sebastião em Quintiães, destacamos a Igreja de S. Sebastião em Gilmonde (agora convertida num templo dedicado a Nossa Senhora da Salvação), temos a Igreja de Pereira, a Igreja de Milhazes, as Festas em Negreiros, a Capela e Cruzeiro de S. Sebastião em Lijó, a Capela de Oliveira (actualmente Capela de Nossa Senhora de Lourdes) e a Igreja de Carvalhal (onde o Altar de São Sebastião, foi ocupado por Nossa Senhora de Fátima). Ainda de destacar, o Cruzeiro Paroquial de Aborim, datado de 1567, também conhecido de S. Sebastião onde está representada a imagem do Santo em alto-relevo, e onde se pode ler a seguinte inscrição: “ESTA OBRA FOY FEITA POR DEVOÇON NO ANNO DA PESTE DE MIL QUINHENTOS E SETENTA E SETE”, o Cruzeiro de Aguiar (que se encontrava junto à Capela do Mártir, no lugar de Pousada, e que, anos atrás, foi desmontado e vendido!!). Também em Aguiar existe ainda o Cruzeiro das procissões a S. Sebastião, estando datado de 1684, sendo este interessante e pouco comum. Alvito S. Pedro, ao lado da Capela de S. Sebastião, tem também um singelo cruzeiro ao seu Santo. Em Quin-

tiães, além da já referida Capela, também existe um Cruzeiro, que sofreu um acidente sendo substituído por um novo. O antigo tinha esta inscrição: “ESTA OBRA FOY FEITA EM O ANNO DA PESTE PER DEVAÇAM. ANNO 1577”. De salientar também, a imagem de S. Sebastião, existente no Mosteiro de S. Salvador de Palme, em Aldreu, que é coeva do Rei D. Sebastião. Esta imagem, parece ser a mais antiga existente em Barcelos, tem algumas particularidades muito interessantes, como o raro “caracol dos iluminados”. Em Areias de Vilar, além de umas raríssimas Alminhas a São Sebastião, também existe o Cruzeiro (muito provavelmente o mais antigo de todos estes, embora muito mutilado) e a Capela de São Sebastião, que deveria ser muito interessante, mas que após as obras realizadas na década de 70 a desvirtuaram e tiraram toda a beleza. Esta Capela, no ano de 1616 já existia, pois é referida na chamada Trabucada ou Trabucana de S. Sebastião.¹

Esta Trabucana, ou grande tormenta, ocorreu na noite do dia 20 de Janeiro de 1616, tendo um efeito devastador em toda a região e muito em particular no Convento de Vilar de Frades, destruindo-o parcialmente. Temos relatos disto, através dos escritos deixados pelo Padre Jorge de São Paulo, no ano de 1658 e pelo Padre Francisco de Santa Maria no ano de 1697, ambos da Congregação de São João Evangelista.

Sendo S. Sebastião advogado contra a guerra, e a nossa história passado por várias guerras, foi tendo ao longo dos séculos fervorosos e temerosos devotos, em especial aqueles que tinham que em-

punhar armas. Esta devoção chegou até aos nossos dias, tendo especial expressão na altura das invasões francesas, guerras liberais, e entrado em força no séc. XX, pela mão dos soldados que foram para a 1ª e 2ª Guerras Mundiais e ainda pela Guerra Colonial. Uma prova simbólica disto, são as faixas militares que ainda hoje ornamentam muitas das imagens.

Ainda até há bem pouco tempo, os mordomos e mancebos que faziam o zelo pelas Capelas e Festividades a S. Sebastião eram os mancebos que iam à inspecção nesse ano. Um dos factores que tem contribuído para a diminuição de voluntários para a manutenção do culto foi o facto do desaparecimento do serviço militar obrigatório.

Nestes tempos que correm, é o Santo que deveria ter mais destaque, pois as dificuldades e tormentas que passamos hoje em dia, se bem que disfarçadas com roupagens diferentes, não deixam de ser as mesmas: as guerras continuam, a fome e pobreza persistem infelizmente e relativamente às pestes/pragas, bem sabemos que doenças se tem espalhado por este mundo fora.

Toda esta devoção, numas alturas com maior e noutras com menor expressão está sempre latente e tem atravessado as paredes do tempo, preenchendo o imaginário individual estimulando a criatividade dos mais diversos artistas e artesãos, dando formas expressivas, altamente criativas e por vezes extravagantes até, ao objecto do culto. Assim, as mais variadas representações Sebastianinas são executadas e somos presenteados com obras diversas, mas sempre com uma raiz e um tronco comum: o Cul-

to a São Sebastião, tanto na sua forma mais erudita como na vertente mais popular. De destacar o artesanato de Barcelos, muito em particular a cerâmica, na vertente de olaria onde se vêem imortalizadas as quadras e poemas ao Santo Sebastião e no figurado onde lhe é dado vida sobre as mais diversas formas, por vezes com visões críticas e mordazes, outras com humor, outras ainda com inocência mas sempre de forma colorida e devota.

Alfredo Côrte-Real

¹ O termo trabucana (e trabucaca) derivam da palavra trabuco que era uma designação comum para um tipo de arma de pólvora preta e que, quando disparada, fazia um grande barulho (trabucada).



São Sebastião

Autor desconhecido
Mosteiro de S. Salvador de Palme
(Aldreu, Barcelos)
71 x 29 x 17 cm
Finais do séc. XVI

São Sebastião

Autor desconhecido
Igreja Paroquial de Gilmonde (Barcelos)
Séc. XIX, finais (provavelmente)

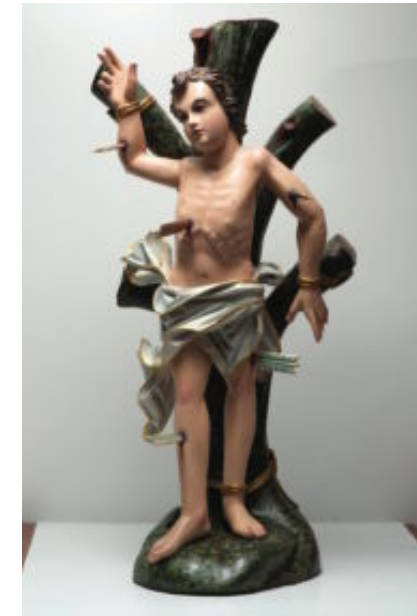


São Sebastião

Autor desconhecido
Igreja Paroquial de Aguiar (Barcelos)
Séc. XX, inícios (provavelmente)
60 x 22 x 20 cm

São Sebastião

Autor desconhecido
Capela de S. Sebastião de Quintiães
(Barcelos)
Séc. XX, inícios (provavelmente)
90 x 45 x 33 cm



São Sebastião

Autor desconhecido
Igreja Paroquial de Aborim (Barcelos)
62 x 31 x 21,5 cm
Séc. XX, inícios (provavelmente)

São Sebastião

Autor desconhecido
Igreja Paroquial de Milhazes (Barcelos)
Séc. XX, inícios (provavelmente)
80,5 x 36,5 cm



São Sebastião

Autor desconhecido
Capela de S. Sebastião de Quintiães
(Barcelos)
Séc. XX, inícios (provavelmente)
90 x 45 x 33cm

São Sebastião

Autor desconhecido
Igreja Paroquial de Carvalhal (Barcelos)
Séc. XX, inícios (provavelmente)
73l x 35,5 x 22 cm





São Sebastião

Autor desconhecido
Igreja Paroquial de Panque (Barcelos)
Séc. XX, inícios (provavelmente)
60 x 28 cm

Condecorações e medalhas da Ordem Militar S. Sebastião, dita da Frecha

Barcelos, Portugal
Ordem da Frecha

São Sebastião e Santa Irene

João Ferreira
Galegos Sta. Maria, Barcelos
11,5 x 9,6 x 6,6 cm
2014

Martírio de São Sebastião

Manuel Lima (Mistério F.M.)
Galegos Sta. Maria, Barcelos
23,5 x 26,7 x 18,6 cm
2014





São Sebastião e o Cupido
Joaquim Esteves
Areias de S. Vicente, Barcelos
23,5 x 28,5 x 16,8 cm
2014

São Sebastião
Júlia Côtã
Manhente, Barcelos
32,1 x 14,9 x 8,9 cm
2014



São Sebastião
Júlio Alonso
Galegos Sta. Maria, Barcelos
22 x 12,9 x 6,5 cm
2011



São Sebastião e o Anjo
Manuel Macedo
Galegos Sta. Maria, Barcelos
33 x 16 x 7,8 cm
2014



Andor pequeno de S. Sebastião
Manuel Barbeiro
Galegos Sta. Maria, Barcelos
16 x 10,5 x 12,5 cm
2014

Santa Irene cuida de São Sebastião
Conceição Sapateiro
Areias de S. Vicente, Barcelos
34,7 x 27,9 x 21,7 cm
2014



Alminhas de São Sebastião
Irmãos Baraça
Galegos Sta. Maria, Barcelos
46,9 x 28,5 x 12,3 cm
2014





São Sebastião soldado romano
António Ramalho
Galegos. S. Martinho, Barcelos
44 x 34,5
2014



1.º Martírio de São Sebastião
Júlia Ramalho
Galegos. S. Martinho, Barcelos
44,5 x 34,3
2014



S. Sebastião
Florentino
28,2 x 14,8 cm



S. Sebastião
Autor desconhecido
17 x 6 cm



Sebastião, Pão e Fome
Alberto Vieira
Braga
184 x 55 cm
42 x 42cm
58 x 31cm
2013

S. Sebastião (fita vermelha)
Autor desconhecido
29,5 x 12,9 cm



S. Sebastião
A. Moniz
14 x 4,7 cm



S. Sebastião
25,9 x 9,3 cm



São Sebastião

Maria Leal da Costa
Marvão, Portalegre
Escultura em mármore e chapa
de ferro
73 x 50 cm
2014



São Sebastião

Fábrica Cerâmica Artística Vale
do Neiva (CAVN)
Fragoso, Barcelos
58,8 x 25,1 x 38,3 cm
2014



Escultura Ordem da Frecha Taller de Artes e Ofícios "Juan del Castillo"

Don Ruben Rodriguez
Taller de Talla (APTCE)
210 x 220 cm



São Sebastião

Sérgio Amaral
Mangualde, Viseu
71 x 35 x 39,3 cm
2005



A Lacrimosa - Deposição do mártir no túmulo

Alfredo Barros
Matosinhos, Porto
Óleo sobre tela
100 x 120 cm
2014



Del Rei D. Sebastião e São Sebastião

António Alba Dias
 Montijo, Lisboa
 Técnica mista: óleo
 95 x 75 cm
 2014

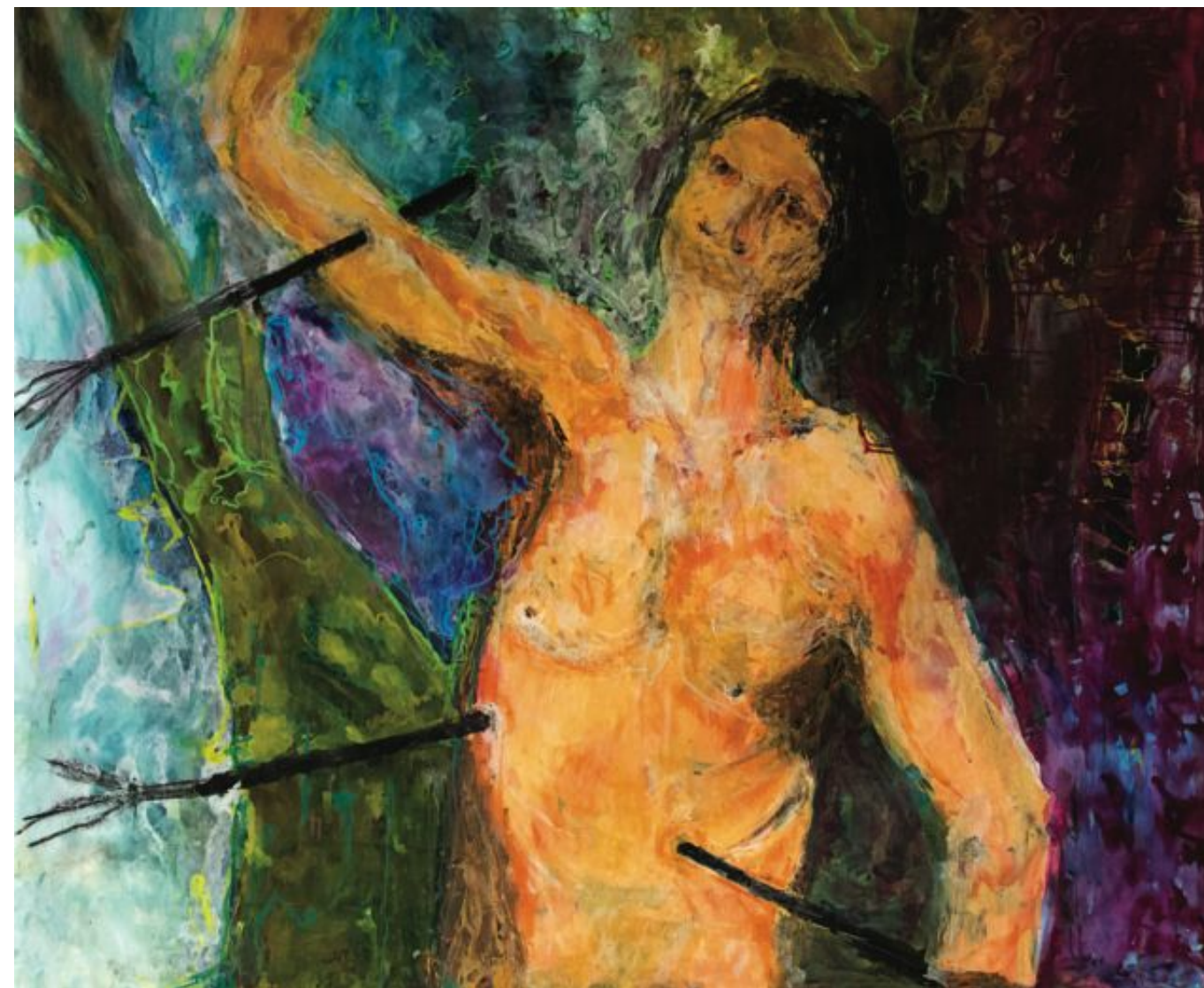


Estudos sobre São Sebastião

João Cutileiro
 Évora
 Caneta de feltro
 59,5 x 42cm
 2014



S. Sebastião
 António Cunha
 Barcelos, Braga
 Técnica mista
 168 X 178 cm
 2014



S. Sebastião
 Sandra Longras
 Barcelos, Braga
 Técnica mista
 216 x 100 cm
 2014



Metamorfose
AfMach
Barcelos
Técnica mista
120 x 80 cm
2014



São Sebastião
Carlos Basto
Barcelos
Aquarela
50 x 35 cm
2014



Martírio das Setas
Bernardo Aranha
Ordins, Penafiel
Grafite aquarelado
41,5 x 29 cm
2014



O Regresso de S. Sebastião
Paulo Tanoeiro
Angeja, Albergaria-a-Velha,
Aveiro
Água-forte
29,5 x 21 cm
2014



Capela de São Sebastião na Ericeira
Rui Calça
Ericeira, Lisboa
24 x 30 cm
2014



Taller de Artes e Ofícios "Juan del Castillo"
Don Rudolfo Picazo
Taller de Talla (APTCE)
2014

São Sebastião no reino de D. Sebastião

O enquadramento de El-Rei D. Sebastião na exposição “Devoção Régia e Popular” dedicada ao santo mártir Sebastião releva-se simbólico no facto histórico de o soberano ter nascido no dia 20 de Janeiro de 1554, dia de São Sebastião.

Nesse ditoso dia levantou-se o povo, madrugada ainda, em oração e graças, e na rua proclamando a sua alegria exultou: “Bendito seja São Sebastião que nos livra da peste e em seu dia nos dá um Rei”.

Relatam os cronistas que o rei “Desejado” foi idolatrado prematuramente: “quando o filho do príncipe João, neto do rei, nasce, (...) dia do glorioso mártir, dão-lhe o nome de Sebastião. O dia do seu nascimento contribui para se convencerem do seu carácter invencível”.

A este vínculo heróico acresce a sua lendária fé, aliás testemunhada por escrito pela mão do soberano: “Terey a Deos por fim de todas as minhas cousas, e em todas ellas me lembrarei d’elle: trabalharei para dilatar a fé de Cristo, para que se convertam todos os infiéis; fazer mercês a bons e castigar a maos”. Testemunho eloquente que nos mostra um jovem rei deslumbrado pela fé, mas também um justiceiro supremo, obcecado pela luta.

A batalha de Alcácer Quibir será o epicentro dessa vida. O papa Gregório XIII encorajou-o: “aprovou, pois tratava-se de fazer guerra aos infiéis”. Filipe II de Espanha, um dos mais directos opositores, desvalorizou: “é mais obstinação que outra coisa”.

O nosso rei carregou um destino cruel, trágico. Órfão de pai antes de nascer – o príncipe João morreu dias antes – foi abandonado pela mãe com ape-

nas quatro meses – D. Joana de Áustria regressou a Espanha em Maio desse ano de 1554. D. Sebastião sucedeu ao avô, D. João III, quando tinha três anos.

Este rei que tomou o nome do orago, do santo Sebastião, foi ansiosamente Desejado porque o seu nascimento preenchia as esperanças portuguesas de um sucessor, um herdeiro, um soberano para um reino quase entregue ao destino de outra casa reinante – os Filipes de Habsburgo. Este rei foi idolatrado porque o povo, ao ter conhecimento do seu nascimento, desfilou pelas ruas de Lisboa erguendo preces e hinos: “riem, choram, palram, cantam! E essas almas, de leves, como que levantaram os corpos (...), arrepiam caminho, sobem a viela, irrompem de roldão na Sé! Nos vidros das janelas altas coalha-se a luz alvaiade da primeira hora fresca do dia. No altar-mor acendem-se muitas velas, muitas. Queima-se incenso. Toca o órgão. E então, aqueles outros cantos de agradecimentos, elevam-se, sonoros num Te Deum Laudamus que transborda dos corações, se avoluma e sobe às alturas das abóbadas da velha catedral, trespassa-as e ergue-se aos céus: Hossana! Hossana! Nasceu finalmente o desejado!” Nos compêndios da história portuguesa, sobre o menino rei registou-se: “enquanto a regência passava da avó D. Catarina para o tio-avô cardeal Dom Henrique, o menino cresceu educado pelos velhos jesuítas fanáticos que o criaram na obsessão religiosa”.

O bispo Carlos Azevedo, no catálogo da exposição “O Mártir, Corpo Ferido na Árvore” concentra essa influência religiosa particularizando-a no culto ao santo mártir Sebastião, quando sublinha: “vivendo

em tempo de terríveis pestes, pois o seu reinado vai de 1568 a 1578, vai ordenar que em todas as vilas haja à entrada uma capela de São Sebastião”.

Não tenho conhecimento de qualquer outro país do mundo cujo rei fosse baptizado com o nome de Sebastião, em honra do santo mártir. A nossa história, celebrando D. Afonso Henriques, D. Dinis, D. Manuel e D. Sebastião, está fortemente ligada a factos religiosos assombrosos, e relembro: “a acção do surpreendente aparecimento de Cristo, em Ourique, ocorre nos preliminares de um confronto contra vários reis mouros (...) em 25 de Julho de 1139 (...) um ermitão emerge na tenda do futuro rei Afonso Henriques dizendo-lhe: “(...) e ele manda por mim dizer que quando ouvires tanger esta campainha que em esta ermida está que tu saias fora e ele te aparecerá no céu!” Nos mistérios da portugalidade no coevo ano de 1260 “principiaria a idade do Espírito Santo (...) nascido precisamente em 1261, o futuro rei de Portugal, D. Dinis (...), teria sido dado à luz no ano 1 da idade do Espírito Santo”. Nascimento associado à terceira idade do mundo, ao Espírito Santo, e este culto aos descobrimentos portugueses.

António Quadros, no livro Portugal, Razão e Mistério aborda a nossa odisseia dizendo: “um império ultramarino vai agora começar a construir (...) o nosso primeiro Rei-Mestre de Cristo, Manuel, a quem chamaram o Venturoso, baptizado Emanuel, que significa Deus conosco.” Nesta breve observância se cruza no nosso destino como povo. Aqui sobreponho o ansiado nascimento do rei Sebastião. O facto de D. João III ter escolhido o nome de Sebastião

para o neto levou a corte a reagir dizendo que era nome de santo e não nome de rei.

A analogia com o soldado mártir foi aflorada e causou na corte um sentimento de presságio! Um mau augúrio, que afinal veio a verificar-se no desastre de Alcácer Quibir. El-Rei D. Sebastião, na sua breve vida e trágico reinado, revelou-se fervoroso cultor de São Sebastião. Traçando um caminho memorial, desde o nascimento à morte, desde o berço ao túmulo, este último (admite-se) descoberto num mosteiro de monges Agostinhos em Limoges, quedamo-nos assombrados pela analogia entre o rei D. Sebastião e a imagética sobre o mártir santo.

I. Nascimento de D. Sebastião, a 20 de Janeiro de 1554, dia de São Sebastião.

Sampaio Bruno no livro O Encoberto, celebra a chegada do “Desejado”; apoiado em documentação coeva, traça-nos a panorâmica humana vivida em redor do nascimento do rei Sebastião: “os primeiros que fizeram preces públicas, pedindo a Deus desse uma boa hora à princesa D. Joana foram os moradores da então vila de Santarém. Ordenaram suas procissões; a primeira à Senhora do Monte; a segunda a São Domingos; a terceira ao Santo Milagre, todas com sermão e assistência do clero, secular e regular, e confrarias. (...) Imitaram a Santarém as mais cidades e vilas do reino; e em Lisboa, além de outras preces antecedentes, mandou o arcebispo que toda cidade estivesse atenta ao sinal de um sino, que haviam de tocar na sé, quando sobrevissem à prince-

sa as dores do parto e dado o sinal, que acudissem todos a qualquer hora que fosse”.

Sampaio Bruno, revendo-se numa narrativa de Frei Bernardo da Cruz, descreve toda a emoção partilhada nas ruas de Lisboa: “dado aviso à cleresia, religiosos e mais pessoas devotas pedissem a Deos, com orações secretas e públicas, prospero parto da princesa, como único remédio de todo o povo português, logo de noute se ordenou uma devota procissão de toda a cleresia e religiões, da Sé a São Domingos, levando nella o braço do mártir São Sebastião, o qual foi trasido a este reino de Portugal do saco de Roma, em tempo de Clemente septimo; além disto não ficou dom nem donzella, por nobres e virtuosas que fossem, as quaes com muitas lágrimas não sahissem fora de sua casa (...) concorrendo com isto infinita gente de todos os estados ao Terreiro do Paço (...) Sendo já de dia, como huma voz cahida do ceo, apparecerão nas janellas, do Paço fidalgos e donas, os quaes com palavras mal pronunciadas, interrompidas da alegria, denunciarão ao povo como tinham príncipe”.

2. Tomada do poder como rei, dia 20 de Janeiro de 1568 – dia de São Sebastião.

O padre José Pereira Baião, na obra Portugal Cuidado e Lastimado, evoca: “ ter-se-ia passado em 20 de Janeiro de 1568, no momento preciso em que D. Sebastião, perfazendo os 14 anos de idade, se preparava para receber das mãos da regente, a rainha D. Catarina de Áustria, o governo de Portugal.

Estávamos no dia de São Sebastião (recorda o padre Baião), estando convocados a nobreza e os prelados do reino. Dias antes, Pedro Nunes, mestre de matemáticas do futuro soberano, interpelaria a rainha para lhe manifestar: “que o grande amor, que tinha a El-Rei, e o zelo do seu serviço, e bem de sua pessoa, o obrigaram a sair do seu costume e levantar figura sobre o dia, e tempo em que se lhe havia de fazer entrega do governo (...) cuidasse muito em dilatar o acto da entrega alguns dias, ainda que não fossem mais que três, porque lhe afirmava, segundo o que entendia, que se El-Rei começasse a governar naquele dia, seria seu reinado instável, cheio de inquietação ordinária, e de muito pouca dura”.

D. Catarina não concordou com o providente Pedro Nunes, nem com o adiamento aconselhado “por estar tudo aparelhado, e assentado para o dia de São Sebastião”.

3. A peste de 1569 e o voto a São Sebastião

Desse tempo de terríveis pestes relata-se a fuga peregrina, quase nómada de D. Sebastião e da família real: “quando, a 22 de Junho de 1569, El-Rei partiu de Sintra estaria longe de admitir que a violência da propagação da peste o obrigaria a ir logo de seguida para Óbidos (...) de Óbidos para Alcobaça, hospedando-se no mosteiro (...) de Alcobaça saiu para o convento da Batalha e de lá para Leiria”.

A sua fuga ao perigo de contágio, torna-se alucinante, e no mês de Julho de 1569 D. Sebastião faz

voto de erguer uma igreja dedicada a São Sebastião em Lisboa: “em Setembro seguiu para Tomar e em princípios de Outubro chegou a Montemor-o-Novo”. Como resultado deste enorme itinerário, só em Novembro entrou em Évora, ficando na expectativa de um retorno à capital do reino, mas demorando-se na cidade até à Páscoa. Finalmente “em Abril de 1570 partiu para Salvaterra (...) e em fins de Maio embarcou para Lisboa”.

Perante este cenário, se desenha um país a sobreviver carregando o medo e drama de uma catástrofe. Um estudo específico de Fernando Carvalho Rodrigues, mostra-nos o ardil portentoso da peste de 1569 e as causas desestabilizadoras e maléficas: “uma cidade onde habite o governo de um império (...) é atacada pela peste. Um dos casos mais conhecidos é o de Lisboa, centro do império, sujeita à peste em 1569 (...) com menos de 1% de mortalidade e uma perda de cerca de 10%, o imperador, El-Rei D. Sebastião, e a sua corte abandonam a cidade”.

4. A Igreja de São Sebastião – Terreiro do Paço

A determinação do rei D. Sebastião para erguer em Lisboa, em lugar prestigiado, um templo dedicado a São Sebastião, está registada no livro Lisboa, História Física e Moral de José-Augusto França, onde se sublinha o voto de D. Sebastião: “já o projecto anteriormente desenhado no álbum (de Francisco de Holanda) de uma igreja de São Sebastião para o Terreiro do Paço, foi realizado, por voto do rei em Julho

de 1569 comunicado à Câmara. Teria sido no sítio da Mouraria onde havia ermida dessa invocação (...) mas passou a ser junto do cais da pedra (...) ligando-se a igreja por uma galeria aos Paços da Ribeira. A primeira pedra foi lançada por D. Sebastião em Março ou Abril de 1571”.

Infelizmente para Portugal, aquele que poderia ser o templo sebástico por excelência,— um voto do rei ao santo — não chegou a completar-se. Essa estrutura religiosa, votiva, mais ou menos a meio da sua construção, foi demolida, isto já no início da dinastia dos Filipes. Apeado o templo as suas pedras foram utilizadas na construção da igreja de São Vicente de Fora. Torna-se importante sublinhar o motivo. Evo-cou-se como razão dominadora, que “o interesse que Filipe II manifestou pelos Paços da Ribeira foi grande a ponto de os visitar quase particularmente, antes de fazer entrada oficial na capital que conquistara. A situação do palácio sobretudo encantava o seu espírito autoritário e fechado à comunicação (...) só que ao seu gosto (...) algo de importante havia a fazer para enobrecer a irregularidade das casas manuelinas, e logo libertá-lo da vizinhança da nova igreja de São Sebastião’ .Alguns estudiosos azeçes em no gesto de Filipe II, a desmedida preocupação pelo branqueamento (ou escurecimento) do fatídico rei Sebastião.

5. A Ordem Militar de São Sebastião, dita da Frecha

Em 1571 D. Sebastião escreveu a sua santidade o

papa Pio V o pedido de autorização para alterar os estatutos das três ordens militares – de Cristo, de Santiago e de Avis – e acrescentar à cruz dos referidos hábitos uma seta (frecha) como símbolo da arma com que fora martirizado o santo (...) esta distinção só seria conferida aos cavaleiros que se assinalassem por feitos notáveis na guerra”. Assim, criou El-Rei a “Ordem Militar de São Sebastião, dita da Frecha”.

No catálogo da exposição “Ordens de Cavalaria em Barcelos” (2014) Alfredo Corte-Real sublinha: “D. Sebastião escolheu para o corpo da sua empresa a figura da seta do martírio de São Sebastião e por alma o mote latino “Pro Fide” (pela Fé). (...) Tomou esta empresa quando, regressado da sua primeira ida ao norte de África, desembarcou no cabo de São Vicente e tomou o hábito da Ordem de Cristo no Convento dos Capuchos que, então aí existia”.

6. As relíquias de São Sebastião no reino de Portugal

Portugal ostenta no seu património religioso um conjunto admirável de relicários e relíquias de São Sebastião. Pela especificidade e importância impõe-se divulgar que em 1567, um ano antes de D. Sebastião tomar o trono e posse legítima e concreta do reino de Portugal, “O papa Pio IV instituiu e publicou uma bula em que se concediam indulgências dos lugares santos de Roma aos fiéis que visitassem as relíquias (de São Sebastião) depositadas no Mosteiro de São Vicente em 20 de Janeiro (dia do Santo)

e nos quatro domingos de Maio”. Especificamente reconhece-se na historiografia sobre o mártir santo que no remoto “século VII, graças à intercessão de Sebastião, foram obtidos grandes prodígios e revigorou-se a veneração ao santo. A típica vontade de possuir relíquias é sinal da crescente devoção”. Portugal obedecia à regra, e traçando uma diminuta panorâmica nacional, revela-se o relicário oferecido à Colegiada de Guimarães: “Ficou-se a dever à disposição testamentária do Dr. Baltazar Vieira de Carvalho, eminente figura de Guimarães quinhentista” este instituidor do Morgado da Torre, em São Salvador de Talgilde, determina que se realizasse “um corpo do mártir santo São Sebastião dourado (...) que se possa levar na procissão que se faz ao redor da Villa de Guimarães (...) em que se meterá o meu relicário d’ouro que tem a própria e verdadeira carne do mesmo mártir”.

De referir a existência de um relicário da colegiada de Ourém, datado do século XV. No livro Ourém, três contributos para a sua história realça-se a peça de ourivesaria/relicário o seu conteúdo em relíquias, e acrescenta-se no historial o episódio danoso provocado pelas hostes soldadescas das invasões francesas. Afirma-se que “recolhidas todas as pratas das igrejas à Casa da Moeda, por ordem do General Junot, foi vítima desse enormíssimo saque o famoso relicário, que os cônegos ainda puderam resgatar, mediante uma grande quantia que lhes foi exigida. É de prata dourada, e pesa 3.550 gramas”. O relicário está depositado no Museu de Arte Antiga Lisboa e de entre as 16 relíquias de santos continha uma de

São Sebastião”.

Este véu imenso, de cobertura territorial nacional de relíquias de São Sebastião protege-nos com um manto de fé, define e reflecte a importância secular do apelo ao santo mártir.

7. São Sebastião Versus Sebastianus Primus Portugaliæ Rex

A descoberta feita em Limoges no século XIX pelo abade Texier, quando fizeram as escavações na igreja do Mosteiro dos Agostinhos daquela cidade, veio pôr a descoberto uma sepultura situada num altar lateral dedicado a São Sebastião. Nessa sepultura foi encontrada, ao lado de um esqueleto muito bem conservado, uma medalha de ouro representando uma estátua equestre em traje de monge, em volta da qual se lia: Sebastianus Primus Portugaliæ Rex. Naquela capela, dedicada a São Sebastião, (admitese) como verdadeira a sepultura do rei D. Sebastião!

A analista do achamento sepulcral refere a obra francesa Monuments Antiques de Limoges, Le Tombeau de Têve-Le-Duc, La Chiche, Recherches Historiques sur Sébastien I, Roi du Portugal.

A autora, utilizando uma linguagem expectante, diz-nos: “e se da análise dos documentos resulta que o rei saiu vivo da batalha e que muito provavelmente acabou os seus dias no Convento dos Agostinhos de Limoges, já a resposta à questão de saber como, quando e em que circunstâncias lá chegou, por onde andou, como viveu, permanece ainda encoberta, como encoberto foi o seu destino depois do dia

4 de Agosto de 1578. Tinha razão o povo. O encoberto não era um fantasma, era El-Rei D. Sebastião que vivia. Bem tentaram ilidir a imagem do nosso rei Sebastião – incluindo os Filipes – mas aqui ou ali, ele aparecia retratado nas capelas privadas ou régias, do reino de Portugal. Assim aconteceu! Vitor Serrão refere uma dessas imagens do Palácio Nacional de Sintra: “Esta pintura, e uma outra com o passo de São Sebastião perante o imperador Diocleciano, são o que resta de um desmembrado retábulo de invocação do santo mártir (...) uma leitura de sentido iconológico em torno de objectivos de legitimação do poder sebástico e de santificação popular da imagem do rei (...) só assim se pode entender a sua óbvia presença em retábulos de culto, como foi provavelmente este de Sintra (elaborado decerto com destino a restritos círculos cortesãos”.

Sebastião deriva do grego **Σεβαστος**, que significa “augusto”. Esta divinização atribuída ao santo, analogicamente também aparece atribuída a D. Sebastião e, na dimensão da oralidade, o nosso rei martirizado, foi adoptado por um discurso popular que o tomava como a reencarnação do mártir Sebastião. Os estudos existentes sobre o nosso rei D. Sebastião são exaustivos mas, por alguma razão a analogia entre o santo e o rei continua semi-encoberta. Dificilmente se rasgará esta imaginária cortina de nevoeiro. Mais fácil se apresenta levantar o manto cultural determinado na ordem régia de El-Rei D. Sebastião: “que há entrada das vilas de Portugal se levantem capelas ao culto de São Sebastião. Neste mando de El-Rei expressa-se todo o universo devotado ao santo mártir

Sebastião. Assim nos revemos espelhados no culto régio e popular e na memorial exposição que a cidade de Barcelos lhe oferece.

A. Cunha e Silva

Ficha Técnica

S. Sebastião, Devoção Régia e Popular

Exposição coletiva

Data de exposição

18 de outubro de 2014 a 4 de janeiro de 2015

Coordenação

Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Barcelos

Apresentação

Miguel Costa Gomes

Presidente da Câmara Municipal de Barcelos

Textos

Lúcia Breda

Alfredo Côrte-Real

A. Cunha e Silva

Fotografia

Ricardo Machado

Don Rudolfo Picazo

Design Gráfico

Hugo Maciel

Impressão e acabamento

Gráfica a designar

Museu de Olaria de Barcelos

Rua Cónego Joaquim Gaiolas, 4750-306 Barcelos

Tel. 253 824 741 | museuolaria@cm-barcelos.pt





BARCELOS
MUNICÍPIO

